

O TEXTO EM AVALIAÇÃO: DO GÊNERO DISCURSIVO AO CRONOTOPO

Guilherme Brambila¹

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo principal discutir acerca de mudanças interativas e sociais em torno do gênero discursivo na circunstância de avaliação textual. De maneira específica, pretende-se construir um estudo que visa a identificar aspectos particulares de textos produzidos em provas de redação que conduzem o gênero discursivo a ser enunciado em um tempo-espaço com características distintas ao que ocorre fora deste entorno avaliativo. Tal trabalho, que parte de resultados obtidos em pesquisa de mestrado, organiza-se em um estudo contrastivo dos conceitos de gênero discursivo e de cronotopo, postulados por Bakhtin e o Círculo, seguido de uma análise da edição de 2015 da prova de redação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). O estudo referencia-se metodologicamente pelo paradigma indiciário (GINZBURG, 1986) e é guiado por uma perspectiva dialógica de observação (BAKHTIN, 2011).

PALAVRAS-CHAVE: Avaliação Textual. Cronotopo. Gênero discursivo. Redação.

ABSTRACT: This paper has as main objective to discuss about interactive and social changes around the discursive genre in the circumstance of textual evaluation. Specifically, we intend to construct a study that aims to identify particular aspects of texts produced in essay writing that lead the discursive genre to be enunciated in a time-space with characteristics that are distinct from what occurs outside this evaluative environment. This work, based on results obtained in master's research, is organized in a contrastive study of the concepts of discursive genre and chronotope, postulated by Bakhtin and the Circle, followed by an analysis of the 2015 edition of Enem (High School National Exam) writing test. The study is methodologically referenced by the indicium paradigm (GINZBURG, 1986) and it is guided by a dialogical perspective of observation (BAKHTIN, 2011).

KEYWORDS: Text evaluation. Chronotope. Discursive genre. Writing.

Introdução

A interação na/pela linguagem foi e continua sendo um dos principais alvos dos estudos linguísticos contemporâneos. Não só pela conexão natural entre o tema e a área de estudos mencionada, mas também pela grande importância em concentrarmos nossos olhares nas formas com que a sociedade lida com a linguagem em suas organizações. Ainda, e de maneira mais específica, podemos citar que os estudos do discurso na plataforma do texto escrito

¹ Doutorando em Estudos Linguísticos pelo Programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professor de Língua Portuguesa da Rede Estadual do Espírito Santo (SEDUES). E-mail: guilhermebrambilamanso@hotmail.com.

mostram uma seara amplamente rica para descobertas científicas que dizem respeito aos caminhos que os sujeitos têm tomado em seus processos de enunciação e registro.

Ao divagarmos sobre a importância na investigação de processos subjetivos que se realizam na escrita, nos sentimos convocados a pensar, por consequência, na circunstância avaliativa da produção de textos e em seus desdobramentos. Em outras palavras, refletir sobre a avaliação textual não pode e não deve se bastar a um exercício de análise daquilo que ocorre com o texto em si mesmo, mas a um conjunto de verificações e discussões que alcancem uma visão ampla da problemática, buscando notar de que formas a sociedade é atingida pela construção avaliativa.

A avaliação textual é, de fato, uma realidade que não pode e não deve ser ignorada. Estamos constantemente em avaliação por aquilo que enunciamos, institucionalmente ou não. A avaliação parte, inclusive, de uma premissa dialógica de existência, por ser formulada a partir de uma tensão discursiva de um Eu que escreve a um Outro que avalia. Assim, refletir sobre avaliação textual não pode ser uma prática radical e ingênua, visto que é necessária a atenção aos aspectos inerentes deste processo, assim como às rupturas com o lugar legítimo que o sujeito precisa ter nessa esfera.

Se transferirmos nossos olhares a um exemplo claro e contemporâneo de avaliação de texto certamente visualizaremos a avaliação de textos do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), comumente chamada de prova de redação. Este processo de avaliação institucional de textos, promovido pelo Ministério da Educação, tem sido um elemento-norte na sociedade brasileira, especialmente no âmbito educacional, por ter sido configurado como etapa decisiva para o alcance de vagas em universidades públicas aos seus candidatos. Diante de tamanha recompensa, os candidatos ao exame são expostos à necessidade e urgência de uma adequação precisa de escrita, estilo e posicionamento ideológico para que garantam seu espaço no ensino superior, enxergado aqui como consequência de uma execução bem realizada da prova de redação e das questões objetivas do Enem.

Apesar de o Enem não ser só composto da prova de redação, será o interesse principal deste trabalho realizar um estudo dessa etapa do exame especificamente. Em outras palavras, o principal objetivo do trabalho aqui apresentado, que parte de considerações e resultados obtidos em pesquisa de mestrado (BRAMBILA, 2017), é refletir sobre o entorno cronotópico do texto na circunstância de avaliação do Enem. A pergunta norteadora que motivou a realização desse estudo encontra-se na dúvida se seria correto afirmar que a redação produzida na circunstância

avaliativa do Enem parte de enunciações cravadas em um materialismo dialético-discursivo, conforme defende Bakhtin e o Círculo a respeito da interação verbal, ou se são construções tecnicamente compatíveis a um espaço-tempo próprio que vai ao encontro das premissas do exame.

Para perseguir a problematização proposta no parágrafo anterior, construiremos uma breve revisão de literatura a respeito do conceito de gêneros do discurso e de cronotopo, ambos postulados por Bakhtin e o Círculo. O objetivo principal de tal revisão concentra-se na proposta de se destacar principalmente aspectos relacionais entre a constituição do gênero discursivo e o entorno cronotópico. Busca-se, conseqüentemente, estabelecer um panorama teórico-filosófico que acompanhe o estudo do *corpus*, mantendo constante diálogo com questões históricas e sociais que venham a emergir da análise linguístico-discursiva.

Na sequência, o trabalho se direciona a analisar o contexto avaliativo prova de redação da edição de 2015 do Enem, cujo tema foi “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”. A escolha desta edição se dá, principalmente, pela temática, visto que a violência contra a mulher é uma problemática latente no Brasil, que lidera índices internacionais preocupantes relacionados ao feminicídio, além de manifestações sociais que se deram fora do contexto do exame em relação à referida edição. Diante de tal realidade, realizar uma análise que toque esta temática mostra-se não só instigante, mas também necessária para que, também dentro dos estudos linguísticos, possamos averiguar de que formas a violência contra a mulher é enunciada pelo brasileiro em contexto avaliativo ou não.

Metodologicamente, o estudo é guiado por um viés dialógico de observação, que recorre dos postulados do paradigma indiciário (GINZBURG, 1986). “Encontramos a importância e justificativa da utilização do paradigma indiciário como metodologia de pesquisa por seu caráter crítico à questão da rigidez científica, algo que para as ciências humanas é, por vezes, uma questão conflitante” (BRAMBILA, 2017, p. 90-91). Ainda, em justificativa à utilização do paradigma indiciário neste estudo, recuperamos as palavras de Ginzburg (1986, p. 51), que metaforiza o paradigma, elucidando sua pertinência em um processo de pesquisa pautado no aprendizado constante com os *rastros* e *indícios* deixados *corpus* em meio à análise.

Por milênios o homem foi caçador. Durante inúmeras perseguições, ele aprendeu a reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis pelas pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufo de pelos, plumas emaranhadas, odores estagnados. Aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitesimais como fios de barba. Aprendeu a fazer operações mentais complexas com rapidez fulminante, no interior de um denso bosque ou numa clareira cheia de ciladas.

A partir dessas considerações iniciais, seguiremos para o estudo pretendido, que busca seu lugar de contribuição nos estudos linguísticos, afirmando-se como um exercício de análise crítica da constituição humana na e pela linguagem.

O gênero discursivo e o cronotopo: uma breve revisão de conceitos

Nesta seção, pretendemos revisitar a perspectiva bakhtiniana que formula o conceito do gênero discursivo e o do cronotopo. A principal razão desta retomada se dá pela necessidade de enxergarmos as relações entre o gênero discursivo e o cronotopo, construindo um panorama teórico-filosófico que nos auxiliará na análise pretendida, que se dará posteriormente. Ainda, de forma a alcançar as perspectivas do trabalho, realizaremos contrapontos a respeito do gênero discursivo e do cronotopo na interface da avaliação textual, de modo a dar um encaminhamento ao estudo pretendido.

Para chegarmos a qualquer consideração sobre os gêneros do discurso à luz do pensamento bakhtiniano, precisamos seguir o pressuposto social, histórico e dialógico da linguagem, que acompanha a perspectiva de Bakhtin e o Círculo. Mesmo o signo, elemento de partida que constituirá o gênero, é uma refração ideológica do sujeito que enuncia em meio à interação verbal. “O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desses ou daquele campo da atividade humana” (BAKHTIN, 2011, p. 261).

Ao propor a indiscutível constituição social e histórica do enunciado, Bakhtin nos leva ao entendimento de que os gêneros do discurso, sendo “*tipos relativamente estáveis de enunciados*” (Ibid., p. 262), seguirão pela mesma via, tendo sua constituição na e pela interação social. Filho e Torga (2011, p. 4), ao também refletirem sobre a noção de gênero discursivo, declaram que “o que constitui um gênero é a sua ligação com uma situação social de interação, e não as suas propriedades formais”. Depreendemos, por consequência, que refletir sobre o gênero discursivo nos coloca frente a questões de caráter social, político e ideológico imersas na linguagem.

Ao revisitarmos o texto “Os gêneros do discurso”, em *Estética da Criação Verbal*, nos depararemos com três elementos que, para Bakhtin, estão totalmente ligados ao enunciado que, por sua vez, será expresso dentro do gênero discursivo: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional. Para este trabalho e para dialogarmos com questões relacionadas ao

cronotopo, pretendemos nos ater principalmente ao conteúdo temático. De acordo com Ribeiro (2010, p. 57),

O elemento conteúdo temático, portanto, contemplaria aspectos peculiares ao sujeito, que participam diretamente da enunciação, como sua vontade, sua singularidade, conhecimentos semânticos construídos coletivamente nas práticas sociais. A dimensão individual, tratando-se particularmente do elemento conteúdo temático, não se impõe aos parâmetros reguladores do gênero eleito, como também as dimensões constituintes do gênero não condicionam totalmente as escolhas individuais. Há, sim, uma confluência das duas esferas, a individual e a do gênero, que resultará na configuração da situação enunciativa e nos seus efeitos.

Importa-nos, aqui, destacar aquilo que Ribeiro nos elucida sobre processos volitivos próprios da subjetividade que participam da constituição do gênero. Em outras palavras, não é possível compreendermos o gênero discursivo sem considerarmos o sujeito vivo que se mune de suas experiências dialógicas da interação com outros sujeitos e com a esfera social para a produção dos enunciados que serão organizados dentro de um determinado gênero. A enunciação, impulsionada pela interação social, por sua vez, ocorre mediante um conjunto de avaliações próprias do sujeito às vozes discursivas com as quais tem contato, acolhendo-as e/ou repelindo-as conforme as compreende em sua subjetividade.

A título de exemplificação, podemos pensar no gênero artigo de opinião escrito por um determinado sujeito e divulgado em um determinado meio de comunicação. Apesar de haver certas estruturações que acompanham a história do referido gênero em sociedade, seria ingênuo não nos atentarmos ao fato de que o sujeito que se põe a opinar sobre determinado tema fará escolhas que serão expressas na discursividade das linhas de seu texto, dentro de um processo ideológico e dialógico. Tais escolhas se darão na recusa de posicionamentos que não colaboram com o ponto de vista defendido, na exaltação de argumentos que colocam o posicionamento do autor em situação favorável etc. Em outras palavras, o conteúdo temático do referido gênero será sempre carregado de traços daquele que enuncia, refratando e refletindo sua subjetividade na superfície textual. Assim, o gênero discursivo precisa ser pensado, dentro do aspecto do conteúdo, como uma refração subjetiva do discurso dialógico do enunciadador que se dá via interação histórica e social com a linguagem.

Importa-nos enfatizar, principalmente devido aos objetivos deste trabalho, a interação com o tempo e o espaço que o sujeito realiza, que muito contribuem para a construção de seus enunciados. Dedicaremos, portanto, as próximas linhas a uma breve discussão do conceito de cronotopo, buscando destacar suas inter-relações com a constituição do gênero discursivo.

O tempo e o espaço na perspectiva bakhtiniana são uma constante na constituição linguístico-filosófica do pensamento do Círculo. Tal constatação pode ser obtida por fatores diversos, que se repetem no decorrer da leitura dos escritos de Bakhtin. A exemplo, podemos citar a proposição da constituição ideológica do signo, que resulta de processos dialógicos do sujeito com a história e a sociedade com que se tensiona e produz linguagem. Outra possibilidade de ilustração está no próprio conceito de dialogismo, entendido na ótica bakhtiniana como um processo tenso no qual a existência do enunciado é parte de um processo de dissonâncias de discursos, oriundos de tempos e espaços distintos e que, mesmo assim, constituem a materialidade enunciativa da palavra.

Podemos evocar as considerações de Clark e Houlquist (2004, p. 295) a respeito da relação de Bakhtin com o tempo-espaço, quando afirmam que “Bakhtin estava obcecado pela interconexão de espaço e tempo. Na década de 20, esse interesse era amplamente compartilhado pelos intelectuais soviéticos”. Cabe destacar que o conceito do cronotopo é oriundo da teoria da relatividade, apresentado primeiramente por Einstein, porém é com Bakhtin que encontraremos uma transposição do conceito para a literatura, dentro de uma funcionalidade metafórica (FIORIN, 2006).

Em *Estética da criação verbal* ([1992] 2011), especificamente em “O tempo e o espaço das obras de Goethe”, encontraremos uma discussão interessante sobre o cronotopo e que será de grande importância para o presente trabalho. Bakhtin, ao tecer suas considerações sobre a obra de Goethe, fornece reflexões essenciais para ampliarmos nossas perspectivas acerca do tempo-espaço no signo, no gênero discursivo e na obra. Iniciemos tal reflexão com a primeira ponderação de Bakhtin (2011, p. 225) do referido texto:

A capacidade de *ver o tempo, de ler o tempo* no todo espacial do mundo e, por outro lado, de perceber o preenchimento do espaço não como um fundo imóvel e um dado acabado de uma vez por todas mas como um todo em formação, como acontecimento; é a capacidade de ler os *indícios do curso do tempo* em tudo, começando pela natureza e terminando pelas regras e ideias humanas (até conceitos abstratos). (grifos do autor).

Bakhtin traz à tona um aspecto do tempo-espaço instigante à dinâmica da linguagem, em forma de metáfora: a capacidade de *se ler o tempo no todo espacial* do mundo. As palavras do filósofo tornam-se ainda mais desafiadoras quando as transpomos para o processo de produção textual, que não só é alvo da presente discussão como também é uma recorrente das diversas esferas de interação. Pensar a superfície do texto dissociada de uma constituição cronotópica é, por consequência, abstraí-lo de seu acontecimento dialético e material.

Tomamos a liberdade de fazer um processo semelhante ao que Bakhtin fez ao conceito da teoria de Einstein e metaforizar a própria metáfora, transpondo o conceito do cronotopo, aplicado ao ofício literário para a superfície do texto não literário também, a fim de aprofundarmos as discussões do presente artigo. Assim, qualquer todo textual construído sem atenção às questões cronotópicas está fadado a ser uma caricatura da enunciação e que facilmente se perde frente à concretude das relações humanas na e pela linguagem.

Cabe, ainda, pensar o cronotopo frente ao sujeito enunciador, isto é, ao indivíduo que não enuncia e não *existe* discursivamente sem um norreamento dialógico temporal e espacial. Cabe refletir que a subjetividade, pensada nos moldes bakhtinianos, constitui-se de maneira tensa, não submissa com as circunstâncias temporais e espaciais com as quais o sujeito tem contato em seu processo enunciativo. Ao mesmo tempo, importa detectar que o cronotopo não está para o sujeito em um formato subserviente ou como pano de fundo para um acontecimento discursivo monológico, mas sim como um elemento complexo, móvel e desafiador, ao mesmo tempo que inspira, mesmo que pela tensão, o indivíduo a tomar a palavra, enunciando no gênero discursivo. Baseamos tal percepção nas considerações de Alves (2012, p. 313), quando afirma que

Pensado dessa forma, o cronotopo, enquanto potencialmente histórico, não pode ser retirado das relações dialógicas e do axiológico sob o risco de se tornar apenas e tão-somente uma referência a um determinado espaço e a um tempo específico, concebidos como exteriores ao indivíduo, não constituintes e constitutivos do sujeito histórico em sua eventicidade como fora pensado por Bakhtin.

A fim de cumprir a proposta da seção, baseada em uma retomada sucinta dos conceitos de gênero discursivo e de cronotopo, seguimos, portanto, para a questão-chave: de que formas o cronotopo e o gênero discursivo se inter cruzam? Quando Bakhtin afirma que “o tempo e o espaço estão em uma unidade indissolúvel tanto no enredo quanto em imagens particulares dele” (2011, p. 253) temos indícios de que tempo, espaço e os constituintes do gênero discursivo – em especial o conteúdo temático, que demarcamos como alvo de nossa maior atenção –, apesar de poderem ser, em níveis de uma didatização, delimitados por seus diferentes aspectos, convergem em uma constituição dialógica que se mostra essencial à linguagem humana.

Dessa forma, parece-nos claro afirmar que, apesar de uma possível compreensão do cronotopo e dos gêneros do discurso enquanto conceitos dentro dos estudos bakhtinianos da linguagem, pensá-los no plano real de acontecimento requer certa habilidade múltipla, já que o gênero discursivo acontece firmado em uma sociedade que tem história e tem lugar, por sujeitos provenientes de histórias e lugares diversos. Assim, a produção textual em gêneros discursivos,

levando-se em conta a materialidade do signo linguístico, precisa lidar com uma gama de *cronotopos*.

Outra possibilidade de se pensar o cronotopo na circunstância avaliativa de textos não literários é que, ao identificarmos que as proposições da instituição avaliadora direcionarão o candidato a que vertentes ideológicas seguir, conseqüentemente, perceberemos que esses mesmos direcionamentos, dados pelos textos motivadores e pelos comandos do exame, por exemplo, construirão um cronotopo não necessariamente embasado em um tempo e espaço propriamente elencados, mas em enunciados que constituem, pela via da linguagem, linhas temporais e espaciais que atravessam coerentemente os posicionamentos ideológicos propostos.

Ao concebermos a linguagem, na perspectiva bakhtiniana, como fundamentalmente ideológica e resultante de tensões dialógicas, entendemos que o cronotopo construído na linguagem é, conseqüentemente, ideológico. Assim, é possível inferir que o tempo-espaço também é ideologicamente construído, pois também reflete e refrata uma perspectiva baseada em escolhas da ordem da subjetividade – ou institucionalidade, como no caso de nosso *corpus* – que localizam, mesmo que não estaticamente o texto e também contribuem discursivamente para a constituição dos enunciados.

Ao transpor tal reflexão para o plano da avaliação de textos, ocorrida nas provas de redação, por exemplo, parece-nos também evidente que determinados tempos-espacos que sejam comumente conhecidos como favoráveis aos interesses do Outro avaliador serão exaltados e/ou trazidos para o inter cruzamento da produção textual do sujeito candidato, a fim de que se alcancem tarefas e competências próprias daquela circunstância enunciativa.

Assim, o cronotopo da avaliação textual pode ser compreendido como um tempo-lugar específico que pode refletir e refratar a materialidade da interação humana. Em outras palavras, na circunstância avaliativa não necessariamente estará à tona ou em discussão a concretude cronotópica do texto produzido, mas sim a habilidade do escrevente de responder positivamente a uma expectativa cronotópica daquele(s) que avaliará (ão) e sentenciará (rão) sua subjetividade pela via textual.

Diante dessa possibilidade de observação, caberia questionar: de que maneiras o gênero discursivo, como elemento que é inter cruzado pelo cronotopo, se transforma em uma relação avaliativa com a produção textual? Cogitar uma resposta parece-nos tão complexo quanto a própria formulação da pergunta. Entretanto, o que é possível inferir é que, ao compreender o

gênero discursivo como construído não só linguística, mas *cronotopicamente*, podemos chegar à percepção de que seu conteúdo acompanhará as decisões tidas pelo autor frente ao cronotopo que lhe for imposto. Logo, havendo uma proposição cronotópica que se constitui de um engajamento com o desejo monológico inerente da avaliação, não necessariamente alinhada ao que ocorre na realidade, o gênero discursivo e o texto nele enunciado serão resultados de uma realidade fragmentada.

Com vistas a entender de maneira concreta a problematização dos parágrafos precedentes, traremos para a próxima seção uma análise da edição de aplicação do Exame Nacional do Ensino Médio em 2015, tendo seu cronotopo confrontado com a realidade social brasileira.

Avaliação textual: um outro tempo-lugar

Nesta seção, dedicaremos atenção à análise do *corpus*, que compõe parte dos resultados de uma pesquisa de mestrado. A análise se endereça ao contexto da prova de redação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) de 2015. Vale destacar que, apesar de a discussão partir de textos produzidos dentro de um sistema de avaliação, a discussão se concentrará em questões concernentes aos cronotopos dentro e fora do contexto avaliativo, a fim de responder à pergunta lançada anteriormente.

O principal interesse de se trazer esta edição do exame se deu pela temática da prova, que foi a “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”. O tema, que é muito instigante ao contexto brasileiro, que lidera índices mundiais relacionados ao feminicídio (cf. WAISELFISZ, 2015), mostrando-se pertinente para a discussão do cronotopo na circunstância de avaliação textual, visto que os moldes da redação do Enem exigem que o texto seja dissertativo-argumentativo, no qual o candidato precisa desenvolver um texto em prosa em que um ponto de vista seja defendido e uma proposta de intervenção seja lançada.

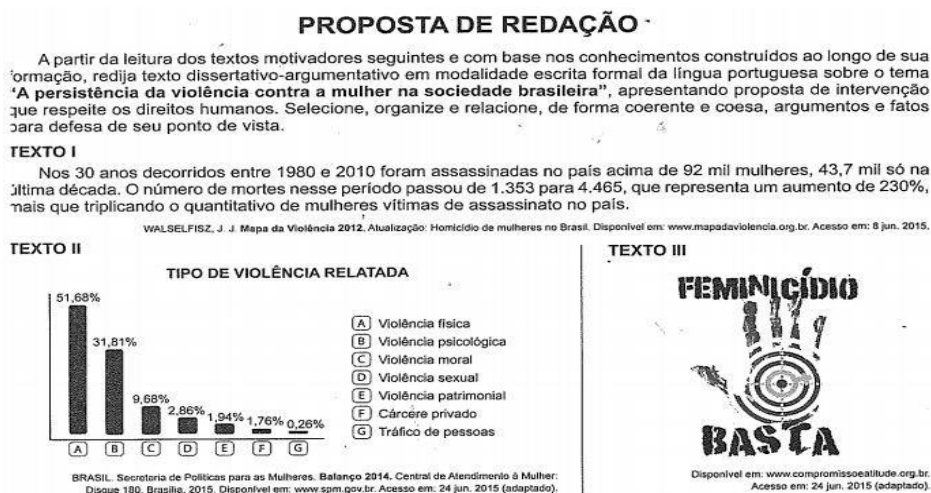
Lidando com a circunstância e exigência do Enem acerca da produção textual avaliada, levantamos o seguinte questionamento que percorrerá toda a análise: que cronotopos inter cruzam o tema “violência contra a mulher” dentro e fora do contexto de avaliação textual?

De acordo com o que as próprias diretrizes da prova do Enem regulamentavam no referido ano, não esperamos encontrar posicionamentos discursivos nos textos nota 1000 contrários a respeito da urgência em se discutir a persistência da violência contra a mulher no

Brasil. Tal constatação é obtida, principalmente, por causa da regra de desqualificação de textos que contrariem os direitos humanos ou que incitem o ódio.

Um primeiro dado interessante que obtemos na edição de 2015 está nos textos motivadores, constituintes do Outro institucional. Há, para a coletânea de 2015, um trecho de texto com informações estatísticas sobre os números da violência contra a mulher no país (texto I), um gráfico com os tipos de violência mais sofridas, contendo informações verbais e visuais (texto II), um cartaz de uma campanha publicitária contra a violência à mulher, majoritariamente visual (texto III), e um texto composto de imagens ilustrativas a respeito do quantitativo de processos e julgamentos de crime de violência contra a mulher após a instauração da Lei Maria da Penha, nº 11.340 (texto IV).

Figura 1: Textos I, II e III da coletânea de 2015



Fonte: Inep, 2016.

Figura 2: Texto IV da coletânea de 2015.



Fonte: Inep, 2016.

A variedade de informações, gêneros discursivos e elementos visuais na coletânea de 2015 é aqui visualizada como algo muito positivo ao processo da escrita, além de serem determinantes, tanto para o candidato quanto para a nossa análise, na identificação de um cronotopo político-ideológico da avaliação. Sendo os textos da coletânea de uso sugerido aos candidatos, é possível detectar que todas as delimitações temporais, espaciais e ideológicas serão obtidas a partir da coletânea para que aquela produção textual tenha êxito, como já percebido em outras análises de outras edições (cf. BRAMBILA, 2017).

Em suma, percebe-se que é demarcado pela coletânea um tempo-espaço no Brasil contemporâneo, construído com bases estatísticas e legislativas, no qual há um levante contra a carga histórica de maus tratos às mulheres e que visa ao estabelecimento de uma posição problematizadora ao feminicídio, revelando a necessidade do combate a essa mazela social.

A presença de verbo-visualidade é um fator colaborador ao processo de produção de texto e para a construção do cronotopo da avaliação, além de crucial para uma compreensão discursiva e dialógica ampla. A respeito da verbo-visualidade, Brait (2013, p. 51) nos esclarece que é possível entender esse fenômeno como:

[...] o verbal e o visual casados, articulados num único enunciado, o que pode acontecer na arte ou fora dela, e que tem gradações, pendendo mais para o verbal ou mais para o visual, mas organizados num único plano de expressão, numa combinatória de materialidades, numa expressão material estruturada [...].

A análise dos textos nota 1000 de 2015, inclusive, revelou que esse casamento entre o imagético e o verbal ocasionou um efeito mais enriquecedor aos textos nota 1000. Percebemos um pouco mais de horizontalidade na interação dos textos nota 1000 com o Outro Institucional, representado pela coletânea.

Interessa-nos pontuar, também, que o cronotopo institucional constrói e dá formas aos textos nota 1000, transparecendo suas demarcações ideológicas no posicionamento do candidato e influenciando a composição do gênero discursivo. A título de exemplificação, vemos nesses trechos a utilização explícita da coletânea como demarcador argumentativo de textos nota 1000.

Figura 3: trecho da redação de 2015

Mesmo com a vigência da Lei Maria da Penha, com a criminalização do feminicídio na última década, o aumento percentual do número de mulheres vítimas de homicídio no Brasil persiste. Tipificada pela violência física, moral, psicológica ou sexual, a violação dos direitos femininos tem suas raízes em construções sociais e culturais, incorporadas como legítimas, que precisam ser desfeitas, pois, do contrário, o ideal de indistinção no gozo dos direitos fundamentais do cidadão não se consolidará.

Fonte: Inep, 2016.

Figura 4: trecho da redação de 2015

A violência contra a mulher no Brasil tem apresentado aumentos significativos nas últimas décadas. De acordo com o mapa da violência de 2012, o número de mortes por essa causa aumentou em 230% no período de 1980 a 2010. Além da física, o Balanço de 2014 relatou cerca de 48% de outros tipos de violência contra a mulher, dentre esses a psicológica. Nesse âmbito, pode-se analisar que essa problemática persiste por ter raízes históricas e ideológicas.

Fonte: Inep, 2016.

Ainda sobre os debates de cunho social presentes nos textos nota 1000 de 2015, encontramos um dado muito interessante e que parece não ter ocorrido nas edições anteriores. Em três dos cinco textos, que compõem a coletânea de textos nota 1000, aparece uma referência a Simone de Beauvoir, com citação direta a uma de suas frases mais famosas: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. Abaixo, dois trechos de aparição, para fins de exemplificação.

Figura 5: trechos de redações com citações a Simone de Beauvoir

O Brasil ainda não conseguiu se desprender das amarras da sociedade patriarcal. Isso se dá porque, ainda no século XXI, existe uma espécie de determinismo biológico em relação às mulheres. Contrariando a célebre frase de Simone de Beauvoir “Não se nasce mulher, torna-se mulher”, a cultura brasileira, em

A crença na subalternidade feminina é construída socialmente. A filósofa Simone de Beauvoir corrobora isso ao afirmar que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. Os dizeres de Beauvoir

Fonte: Inep, 2016.

Tal fato, em primeira leitura, mostra-se intrigante, já que a escritora e filósofa não aparece na coletânea, mas encontramos o devido esclarecimento ao pesquisar as questões objetivas do exame e encontrar uma, na seção de Ciências Humanas e suas tecnologias, em que o trecho é abordado. O aparecimento da temática em outra parte da prova foi, em nossa leitura, uma decisão acertada do exame, que demonstra uma tentativa de não fragmentar tanto as seções

discursiva e objetiva, fornecendo ao candidato cronotopos diversos, mesmo que convergentes, para que ele realize suas decisões na interface de sua produção.

Além disso, essa recorrência se apresenta como algo que se agrega ao entendimento de cronotopo avaliativo, podendo se ampliar às demais dimensões do exame, como no conteúdo das questões objetivas. Ainda assim, nota-se que o exame continua a ser o limite tempo-espaial da produção textual dos candidatos, que aparentemente não se atrevem a ultrapassá-lo por uma consciência dos riscos e conseqüências de não se produzir um texto competente às expectativas do Enem.

A principal problematização que pode ser elencada da edição de 2015 foi a reação popular fora do exame, aqui compreendida como pertencente a um cronotopo Outro em relação à esfera avaliativa. Apesar da presença de redações que reforçavam a urgência e a pertinência de se refletir sobre a violência contra a mulher e a favor do discurso feminista, a reação dos brasileiros, inclusive de candidatos, frente ao tema da prova nos mostra que o assunto é enunciado de maneiras diversas conforme o cronotopo em que é recepcionado.

Um exemplo que pode ser citado é que, conforme documenta a BBC Brasil, veiculada pelo Uol Educação, após o aparecimento da questão que cita Simone de Beauvoir e da redação que tinha como tema a violência contra a mulher no Brasil, a página sobre a pensadora francesa, no site de enciclopédia aberta Wikipédia, sofreu uma onda de vandalismo, com a inclusão de informações falsas e piadas sobre suas reflexões acerca do feminismo.

Nos dias seguintes à prova, o verbete sobre Beauvoir na Wikipedia não só teve um salto no número de visitas, passando das 250 que tinha em média por dia para 35 mil na última segunda-feira, como sofreu diversas alterações. Foram 46 edições em quatro dias. Em todo o ano de 2015, o texto havia sido alterado apenas dez vezes antes do Enem. O trecho que fazia piada com o suposto desconhecimento de Beauvoir sobre biologia foi só um dos primeiros. Logo, vieram outros - e a página teve suas edições restringidas por "vandalismo excessivo", de acordo com a Wikipédia. [...] Um usuário mudou o verbete para dizer que ela havia escrito um "livro de estupro". Outro informou que Beauvoir era uma "antifeminista". Um terceiro disse ainda que ela era "muito conhecida por seu comodismo e pela luta na justiça por uma lei que proibia o trabalho das mulheres fora de casa" (BARIFOUSE, 2015, s/p).

Tal dado, apesar de não estar presente nas redações nota 1000 do Enem se faz pertinente aos nossos estudos, pois notamos que o vandalismo ocorrido na página de Simone de Beauvoir na Wikipédia mostra muito bem que a enunciação frente ao signo não se dá unicamente na superfície da palavra, mas ocorre na interação com o lugar histórico e social em que tal processo ocorre.

O posicionamento de tais opiniões dadas nas edições do texto da Wikipédia dentro da redação do Enem, certamente, causaria punições aos candidatos, seja pela exposição de informações falsas ou por incitação ao ódio. Entretanto, fora dos entornos avaliativos do exame essas colocações ganham certo alibi para acontecerem, já que não haverá um cronotopo institucional que promoverá uma punição a esses textos.

Considerações finais

As principais considerações que podem ser trazidas, a partir das reflexões das páginas anteriores, podem ser concentradas em dois campos distintos, porém complementares: um relacionado às releituras da perspectiva bakhtinianas e outro relacionado ao cronotopo na circunstância de avaliação textual.

Acerca das releituras realizadas dos conceitos, é possível destacar que a teoria bakhtiniana, concebida de maneira plural dentro da filosofia da linguagem, muito tem a contribuir com os estudos linguísticos contemporâneos. Na possibilidade de metaforizarmos e refletirmos para além dos horizontes já ampliados pela perspectiva do Círculo vemos, na prática, que os pressupostos dos estudos bakhtinianos se apresentam na contemporaneidade como constituintes essenciais para a investigação da interação humana na e pela linguagem.

Entretanto, cabe pontuar que essa aparente plasticidade não pode ser encarada sem que noções constitutivas da filosofia bakhtiniana sejam levadas em conta, como o caráter dialógico e ideológico do signo, evitando que análises feitas sob esta luz percam sua materialidade e consistência na realidade das interações.

Munidos dessa possibilidade de se (re) pensar a perspectiva bakhtiniana na contemporaneidade que realizamos a transposição do conceito de cronotopo para a análise de avaliação de textos não literários em um gênero discursivo específico. Por meio de tal tarefa, foi possível identificar que os estudos bakhtinianos mostram-se pertinentes para as pesquisas em avaliação textual, como esta, pois auxiliam na evocação de questões de cunho histórico e social para dentro da análise linguística, o que se mostra como um ganho para se lidar com problemáticas próprias das relações humanas e/ou institucionais na contemporaneidade via linguagem.

Referências

- ALVES, M. P. C. O cronotopo da sala de aula e os gêneros discursivos. In: *Signótica*, Goiânia, v. 24, n. 2, p. 305-322, jul./dez. 2012.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 6ª edição, 2011, p. 261-270.
- _____. O tempo e o espaço nas obras de Goethe. In: _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 6ª edição, 2011, p. 225-260.
- BARIFOUSE, R. Enem: Simone de Beauvoir ganha acusações de nazista e pedófila na Wikipédia. *BBC Brasil/Uol Educação*. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/bbc/2015/10/29/enem-simone-de-beauvoir-ganha-acusacoes-de-nazista-e-pedofila-na-wikipedia.htm>. Último acesso em 19/08/2017.
- BRAIT, B. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. In: *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, v. 8, p. 43-66, 2013.
- BRAMBILA, G. *A produção de textos na “Era Enem”*: subjetividade e autoria no contexto político-pedagógico brasileiro contemporâneo. Dissertação de Mestrado (PPGEL – UFES), Vitória, 2017.
- BRASIL. *Redação do Enem 2016*: manual do candidato. Ministério da Educação, 1ªed., 2016. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/guia_participante/2016/manual_de_redacao_do_enem_2016.pdf. Último acesso em: 01/04/2018.
- CLARK, K.; HOULQUIST, M. *Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- FILHO, U. C.; TORGA, V. M. Língua, Discurso, Texto, Dialogismo e Sujeito: compreendendo os gêneros discursivos na concepção dialógica, sócio-histórica e ideológica da língua(gem). In: *Anais do I Congresso Nacional de Estudos Linguísticos*, Vitória-Es, 2011.
- FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.
- GINZBURG, C. *Mitos, Emblemas, Sinais*: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- RIBEIRO, P. B. Funcionamento do gênero do discurso. In: *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 54-67, 1o sem. 2010.
- WASELFISZ, J. J. *Mapa da Violência 2015*: homicídio de mulheres no Brasil. 1ª ed., Brasília – DF: FLACSO Brasil, 2015.